

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ITALO NOAN DOS SANTOS

(PER)CURSOS DA AUTOGESTÃO:

UMA ARQUEOLOGIA DE PRÁTICAS LIBERTÁRIAS,
PLANTAÇÕES DE SEMENTES E
CULTIVOS DE SONHOS NO DAIB.

VIAMÃO

2019

ITALO NOAN DOS SANTOS

(PER)CURSOS DA AUTOGESTÃO:

UMA ARQUEOLOGIA DE PRÁTICAS LIBERTÁRIAS,
PLANTAÇÕES DE SEMENTES E
CULTIVOS DE SONHOS NO DAIB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em Ciências Biológicas pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADOR: LUCIANO BEDIN DA COSTA

VIAMÃO

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Italo Noan dos
Percurso da autogestão: Uma arqueologia de
práticas libertárias, plantações de sementes e
cultivos de sonhos non DAIB. / Italo Noan dos Santos.
-- 2019.
36 f.
Orientador: Luciano Bedin da Costa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Cartografia. 2. Autogestão. 3. Anarquia. 4.
Budismo. I. Costa, Luciano Bedin da, orient. II.
Título.

GRATIDÃO

(QUE A ORDEM DE ESCRITA NÃO SEJA INTERPRETADA COMO HIERARQUIA DE AFEIÇÃO)

Início agradecendo ao corpo encarnado, à mãe que me gestou, pariu e mimou (ainda mima um pouco), me foi um amparo um ano inteiro até conseguir, finalmente, entrar na universidade. Ao pai, pelo afeto e pelas inúmeras rotas de fuga diante da realidade materialmente carente de recursos. A ambos, pela liberdade e confiança que me permitiram desde pequeno. À vó Marlene, pelo zelo contínuo e pela força da ancestralidade. À vida da filha Amora, que me fez nascer pai, que compartilha comigo rupturas quotidianas e por ter o melhor cheirinho do mundo.

Às amigas da vida, que as conversas se camuflam na minha escrita. Ao DAIB, por me proporcionar a primeira experiência em autogestão e ter acordado o embrião revolucionário que existia em mim. Ao coletivo Baçara, por ter se entocado na floresta atlântica por quatro anos, no viver comunitário mais experimentalista e intenso que já participei. À querida amiga Patrícia por aparecer novamente em minha vida e me ajudar na parte mais difícil desse trabalho, o ajuste às normas.

Às pessoas que compraram e degustaram a minha cerveja e fizeram, assim, o meu financiamento coletivo para permanecer em uma universidade federal. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que, apesar das contradições, me permitiu obter conhecimento de qualidade e saídas de campo maravilhosas. Ao meu orientador Luciano Bedin, por saber conduzir suas aulas tão bem: pela confiança e por me orientar de modo tão sutil e preciso, ao belo modo Luciano de ser, deixando misturar as tintas que cada um tinha e compor uma bela desenhança. Ao Lama Padma Samtem, por ter sonhos tão auspiciosos e estar dedicando a sua vida pela construção de um mundo mental mais compassivo, por ter fundado o CEBB e a *sangha* do caminho do meio, onde hoje habito e convivo.



RESUMO

A presente pesquisa perambulou os caminhos percorridos pela comunidade do Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências (DAIB), vinculado ao curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O passeio pretendeu cartografar movimentos constituintes relacionados ao diretório, local onde o pesquisador teve seu primeiro contato com práticas libertárias de autogestão. Aspectos relacionados à democracia direta, ao processo de transmissão cultural e à prática educativa serão investigados, tomando, como materialidade, os documentos disponíveis no arquivo do diretório. Tal qual os nossos ancestrais hominídeos rabiscavam as paredes de cavernas, o diretório possui um imenso livro aberto, tela artística que, como uma linha de tempo, expõe as caminhadas do espaço, as transições e a memória local. Suas paredes se pretendem delimitar a estrutura física e algumas conseguem se transformar nesses painéis que buscam contar histórias antigas. A fotografia é utilizada como um modo de capturar e narrar essas histórias na tentativa de traçar algumas linhas ou espirais que sustentaram as identidades do diretório com o passar dos anos. Da fotografia, não se busca somente usá-la como documento: se faz pesquisa histórica e, sob o olhar cartográfico, ela compõe grande parte da narrativa da pesquisa. A lente da câmera é arqueológica, as paredes estão ali em constante mutações que derivam dos diferentes trânsitos de pessoas em cada momento distinto. O fundo dessa monografia é escuro. O escuro é a ausência da luz. Poderíamos dizer que “estourou o preto”, mas, algo sempre emana do escuro. Pintar a parede é um momento em que queremos extrapolar o limite das ideias, queremos compartilhar músicas, devaneios e aprendizados.

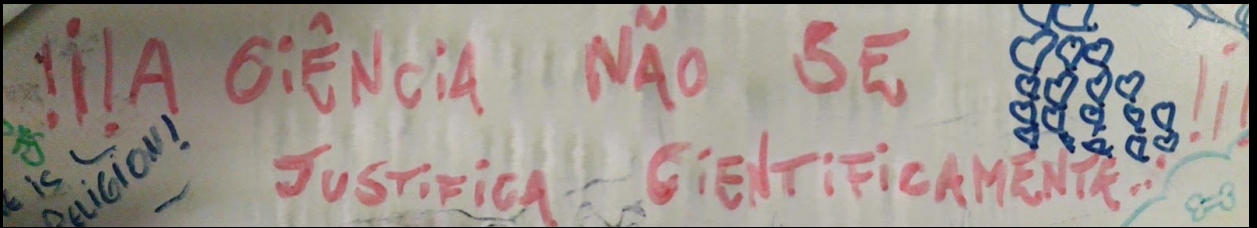
Palavras-chave: Cartografia; Arqueologia; Autogestão; Fotografia; Anarquia.

LISTA DE IMAGENS

Todas as imagens das paredes presentes nesta monografia foram registradas pelo autor desta pesquisa. Foram produzidas em novembro de 2019 em incursões no diretório.

SUMÁRIO

1	ENCANTAMENTOS DE SENTIRES	9
1.1	O DESPERTAR PARA NOVAS POSSIBILIDADES.....	9
2	OLHAR PARA O COLETIVO SENDO OUTROS	11
2.1	O MÉTODO DA CARTOGRAFIA.....	11
2.2	A POTÊNCIA DA LUZ.....	14
2.3	O QUE MOVE O MUNDO NÃO É A ECONOMIA.....	16
3	TOMADA DE DECISÕES JUNT@S	17
3.1	UMA BREVE HISTÓRIA DA AUTOGESTÃO.....	17
4	PARA NÓS DO FUTURO	25
4.1	APAGAR AS PAREDES É QUEIMAR A NOSSA HISTÓRIA.....	25
4.2	AUTODEFESA PARA A AUTO-ORGANIZAÇÃO.....	27
5	PARA O NÓS DO PASSADO	28
6	CONSIDERAÇÕES PERENES	29
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35



1 ENCANTAMENTOS DE SENTIRES

1. 1 O DESPERTAR DE NOVAS POSSIBILIDADES

O verão ardia com seu calor costumeiro em Porto Alegre, mais precisamente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Subo as escadas do bloco quatro no Campus do Vale e existe uma porta que mais parece um portal para uma dimensão antes não vivida. Nem exito muito, desacompanhado das colegas, logo entro na sala onde se situa o Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências, mais popularmente conhecido pela sua sigla DAIB, lê-se daibi. Fico estupefato de tantas informações coexistirem em um espaço tão pequeno. Na sala, as paredes encontram-se muito rabiscadas, com escritos e desenhos variados. Detenho-me em dois ou três à medida que vou entrando no corredor estreito. Logo, a vista se abre e há diversas pessoas e pessoas diversas sentadas no posicionamento em círculo, muitas delas, brincavam com sementes nas mãos. Uma assembleia ali acontecia e eu demorei a perceber e entender as muitas dinâmicas envolvidas. Quem quisesse usar da fala, precisaria plantar uma semente no cesto que estava posicionado no centro do círculo. Havia ainda a doação de sementes para alguém que ainda quisesse aumentar o seu tempo de fala ao coletivo e estivesse com o seu tempo e sementes esgotados. A assembleia era para organizar deliberações sobre o Encontro Regional dos Estudantes de Biologia, mais conhecido como EREB. O evento foi gestado e parido no seio da autogestão, teoria e prática essa que passei a viver e admirar nos anos seguintes sendo sujeito ativo e transformador dessas caminhadas.

No cotidiano, a prática em autogestão não funciona muito diferente do momento político da assembleia. O ambiente é muito convidativo a compartilhar atividades, mesmo que hajam conversas cruzadas sobre as aulas maçantes ou, até mesmo, pedidos de ajuda antes de uma prova. O diretório possui alguns eletrodomésticos e uma cozinha totalmente funcional. Práticas culinárias são muito apreciadas pelas estudantes, ainda mais estimuladas pelo uso de plantas alimentícias não convencionais, ou seja, plantas que são nutricionais e fisiologicamente comestíveis, mas, devido aos nossos hábitos alimentares restritos, acabam sendo pouco usadas na nossa dieta. O termo foi batizado por Valdely Kinupp, em sua tese de doutorado. Até os dias atuais, muitas pessoas se encantam com esses saberes.

As paredes do diretório são observadas nessa pesquisa como um livro com as páginas todas abertas, o livro tem essa “marca” congênita. Cada página que se abre oculta a anterior. Nesse processo de fluxo de narrativas, temos acesso a somente duas folhas por vez. Folhar para “frente” ou para “trás” faz desaparecer visualmente as continuidades do livro. Nas paredes, isso não ocorre, pois, só existe o ao lado. O livro se abriu com todas as folhas e verbetes para todas as direções e pintou, assim, um emaranhado de histórias e estórias.



No filme Bacurau (2019), Isa (Luciana Alves), responsável pelo museu, manda lavar o chão do museu após o conflito, mas, manter intocadas as marcas de sangue nas paredes.

No filme Bacurau é retratada a importância do museu, não só enquanto um local onde se pode guardar objetos da memória coletiva, mas também um local onde se pode fazer uso desses objetos para resistir aos ataques alheios. Segundo Kunzler : “Agora, é importante refletir sobre nós: como estamos usando esses espaços de resistência? Como preservamos nossas referências culturais nos museus e como recorreremos a elas para resistir? Que gotas de sangue estamos deixando para o futuro?”

2 OLHAR PARA O COLETIVO SENDO OUTROS

2.1 O MÉTODO DA CARTOGRAFIA

A cartografia como método de pesquisa foi sugerida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, estudando os processos e produção de subjetividades. No livro *Mil platôs* (2011), os autores colocam a cartografia nos princípios do conceito de rizoma. Os princípios rizomáticos, tal como os autores descrevem, apoiam-se em um tipo de racionalidade para além das articulações binárias de causa e efeito, contrapondo-se aos modelos demonstrativos, derivados de uma racionalidade cartesiana e positivista. A grande singularidade da cartografia é a de exercitar a sustentação da abertura de pensamento para receber, sem pré-conceitos, a paisagem que for se apresentando no processo de pesquisar como condição de possibilidade para se produzir conhecimento pertinente e consistente. Embora não se limite por um conjunto de procedimentos prévios, não significa que a cartografia aconteça na ausência total de orientações, as quais são designadas como pistas.

A metodologia de pesquisa abordada neste trabalho permitiu ao autor perambular sem rumos e destinos fixos. A pesquisa cartográfica está preocupada não com as metas a serem seguidas, mas, sim com os encontros possíveis das muitas rotas. A história do território DAIB não é linear e as forças que o moldaram

em diferentes épocas também não são nutridas de simetria comportamental. O método cartográfico se constitui enquanto um processo investigativo-inventivo. Pode ser encarado enquanto uma prática e uma pragmática de pesquisa: “A ideia de pragmática está ligada a um exercício ativo de operação sobre o mundo, não somente de verificação, levantamento ou interpretação de dados.” (COSTA, 2014, p. 2). Não poderíamos analisar esse arquivo plural de um modo a não envolver os nossos corpos e histórias.

Quis fugir e passar longe dos modos quantitativo e qualitativo. O modo quantitativo iria me colocar nos enquadramentos, isso é isso e aquilo é aquilo. Teria de fazer escalas e dimensionamentos estatísticos variáveis, diminuir os meus graus de incertezas, até chegar um ponto em que eu pudesse dizer com pouca precisão de erro algumas conclusões. O modo qualitativo me forçaria a usar a discriminação como linguagem preponderante e teria de elencar categorias de valoração. Porém, as tessituras deste trabalho são muito móveis no tempo e no território. Olhei com um certo desdém a essas lentes científicas que tentam qualificar e enquadrar o ambiente ao nosso redor e dentro de nós. Mas, a pesquisa cartográfica me colocou em um lugar de difícil compreensão, pois, demorei algum tempo para conseguir explicar aos meus pares o que era a tal pesquisa da qual eu estava falando. Busquei conforto nas indicações do meu orientador e, assim, consegui perceber qual era a proposição de reversão metodológica da cartografia:

O sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Nessa direção a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção”. (PASSOS & BARROS, 2009, p. 10).

O arquivo impresso presente nas paredes não me permitiu enquadrar em ordens de maior ou menor importância. Nesse sentido, essa reversão me permitiu fazer um belo passeio aonde os olhos podem se demorar, observar e se deixar tocar

pelos registros arqueológicos impressos nas paredes do diretório ao passar dos anos. Em um sistema sem centro de comando ou poder, como conceber a direção metodológica? A metodologia cartesiana, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas.

Regras que devem ser respeitadas ao longo do trabalho, valorizando e compondo assim o seu “rigor” científico. Um trabalho científico produzido sem uma metodologia adequada pode gerar diversos fatores dificultantes, tanto para o próprio processo de pesquisa, quanto para as conclusões do trabalho. Na cartografia, há a reversão do método. Dessa maneira, o percurso da pesquisa flui de um modo mais espontâneo, assim como a vida. Nós sabemos que a morte é compulsória e necessária para todos os sistemas vivos. Os nutrientes e elementos constituintes dos organismos precisam estar em constante renovação nas matérias. No entanto, sobre a morte o que mais me interessa é percorrer um caminho de aprendizados entre o agora e ela. Assim flui a nossa pesquisa com um início, mas sem um fim. O percurso a se perambular é atravessado pela condições ambientais e emocionais. O ambiente está em constante transmutação e fluxo de energias e matérias. As nossas emoções em tempos de ascensão de fascismos cotidianos estão bastante revolvidas.

Vejamos “as impressões do cansaço e do peso do modelo positivista de ciência e da razão sistemática moderna bem podem funcionar como justificativas possíveis. Mas, em larga medida, não são as únicas.” (RANNIERY & PARAÍSO, 2012, p. 164). A cartografia coloca, na ideia de método, as faltas que lhe são congênicas, de maneira a liberar tudo aquilo que não se consegue segurar. O que vemos escrito e desenhado nas paredes são testemunhos de momentos importantes na produção de subjetividades. Alguém que escreveu, num gesto de generosidade, achou que seria importante compartilhar fagulhas pulsantes de vida. O nome ou a frase ficaria marcado na história daquele território pelo tempo que fosse possível. A impossibilidade de permanência emerge das inúmeras liberdades de cocriação e por que não de codestruição?

2. 2 A POTÊNCIA DA LUZ

A maneira de deixar impresso em *bits* que a pesquisa se propõe é visual no contexto da imagem. A fotografia costuma se demonstrar na pesquisa de um modo documental e específico, com lentes frias. A bidimensionalidade das paredes me ajudou a não ter que lidar com o plano da profundidade de campo, a zona onde o foco pode caminhar na imagem. Não há borrões ou distorções que projetam um sentido de transmitir alguma mensagem proposital. O fundo desta monografia é escuro. O escuro é a ausência da luz. Poderíamos dizer que “estourou o preto”, mas, algo sempre emana do escuro. A luz demais produz o efeito similar “estourou o branco”. Esse termo quer dizer que há excessos na presença ou na ausência de luz, efeito que produz a perda de contrastes. É nos contrastes que reside a fotografia. Nas nuances é onde perambula o nosso olhar. Entre uma cor e outra se fazem as imagens que darão sentido à composição experimental fotográfica. Ocorre “uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que partilho com aquele ou aquela que foi fotografado.” (BARTHES, 1984, p. 70). Fotografar as paredes é uma maneira incontestada de expor ao futuro as marcas dos meandros da história da autogestão no território DAIB. Nesse sentido, a fotografia representa um certificado de presença, a prova irrefutável de existência em determinado tempo histórico. Cada história tem o seu território e o tempo que se demora nele. Trazer a fotografia para essa pesquisa traduz um desejo de retirar a mediação da escrita entre a imagem e o visualizador. Uma frase escrita na parede perde a potência ao ser transcrita em texto, perde os traços, as cores e a localização no território.

Moio

HISTORIA
DO DAIB
TAMBEM
E AGORA
E SEMPRE

BOTE
L2BEQUESTOAT

FICA BONITO

ORGANIZA
E LUTA
NO DAIB

OBRIGADO
AOS
AMIGOS

sem obrigacoes
amigos !!!

Agracedidx
por
existir

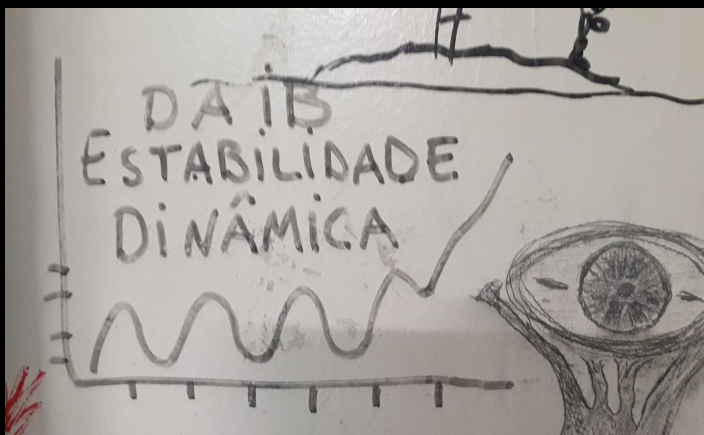
OBRIGADO

2. 3 O QUE MOVE O MUNDO NÃO É A ECONOMIA

Os ensinamentos oferecidos pelo Lama Padma Santem no livro *O Lama e o economista* (2004) permite ampliar a visão e dirigir a lucidez para uma questão super pertinente do nosso tempo: a economia. Do livro se extraem vários ensinamentos, inclusive dialoga com uma frase super potente de Dalai Lama, em que situa um forte sentimento vital: “A compaixão é que sustenta o mundo, não o processo econômico. Nesse momento estamos nessa bolha: nós acreditamos que o processo econômico é a base do mundo, mas não é. A base do mundo é nossa capacidade de nos interessarmos uns pelos outros.” (SAMTEM, 2006, p. 122). É essa noção que faz as coisas se ampliarem e melhorarem, isso é o que sustenta o mundo. Dalai Lama diz que cada um de nós foi sustentado sem nenhuma expectativa de retorno. Nós fomos cuidados, isso não é uma atividade econômica. Quando as coisas afundam, surgem catástrofes e grandes dificuldades, como é que resolvemos? Surgem muitos voluntários, as pessoas se auto-organizam e fazem tudo melhorar. Isso é o que sustenta o funcionamento do mundo. Podemos notar que esse ensinamento busca romper com um paradigma crucial das sociedades modernas civilizadas, a ideia de que a sociedade só existe através das relações financeiras. A compaixão surge como elemento agregador e cimentante das relações. Criar uma filha é um dos melhores exemplos dessa prática, não há um retorno financeiro, ao contrário inclusive. Mas, mesmo assim, criamos e tentamos ser *cuida-amores* desses seres que precisam muito da nossa compaixão. Nas nossas vidas, ajudamos as pessoas sem necessariamente receber dinheiro em troca. Mesmo que a economia financeira influencie nas nossas atitudes, ela não tem poder hegemônico sobre as nossas escolhas: nossos afetos ainda são fonte de muita importância e valor, não de preço.

3 TOMADA DE DECISÕES JUNT@S

3. 1 UMA BREVE HISTÓRIA DA AUTOGESTÃO



Os processos que envolvem a auto-organização entre humanos são provavelmente mais antigos que a própria história. Cada ser sempre precisou de uma rede de envolvimento de elementos “vivos e não vivos” para conseguir manter seu metabolismo ativo. O termo que uso neste trabalho está mais aproximado com a autogestão anarquista proposta por Pierre Joseph Proudhon que , sendo extremamente crítico com a burocracia estadista da época, pôs em evidência as ideias de democracia direta e de cogestão, que ia além do poder econômico e perpassava essa concepção também para as ideias políticas da época. Dialogando com Proudhon, Carvalho descreve:

A autogestão é impelida pelas condições materiais do nosso tempo e não como um amadurecimento de formas anteriores da mesma coisa. O homem que conduz a experiência de sua própria gestão é o homem contemporâneo e não o bárbaro ou selvagem que luta pela sobrevivência. A autogestão é um fenômeno pós-industrial baseado na associação de homens em suas vidas para uma participação maior e mais profunda. Expressa o impulso cultural das massas que querem o controle dos processos de mudança histórica, em vez de delegar este controle para os "poucos educados". Dessa maneira - e se nesse sentido realmente for bem sucedida - a autogestão pode tomar-se a gestão dos processos de mudança histórica. (CARVALHO, 1983, p. 34).



Proudhon escreveu no livro: “O que é a Propriedade? Pesquisa sobre o princípio do Direito e do governo” (1975) a sua frase célebre, que instiga até hoje os pensamentos revolucionários, na qual afirma que a propriedade é um roubo. Desse roubo, se tem a divisão de mundos em quem possui as coisas e quem não as possui. Possuir aqui num sentido amplo permite dizer que quem possui algo, pode ter livre acesso e poder de escolha dos objetos ou das pessoas. No mesmo livro, Proudhon dissecou o processo civilizatório: “A queda e a morte de sociedades se dão devido ao poder de acumulação implicado na propriedade”(1975,p.48). Novamente, a noção de propriedade vai ser imperativa em separar os detentores de privilégios sociais. Possuir algo é se beneficiar do poder e/ou *status* social que o objeto reflete socialmente. No contexto histórico, Proudhon foi contrário até ao Comunismo por não concordar com a propriedade, inclusive do Estado. Teorizou sobre o que chamou de Mutualismo, uma espécie de anarquismo baseado no apoio mútuo entre os trabalhadores.

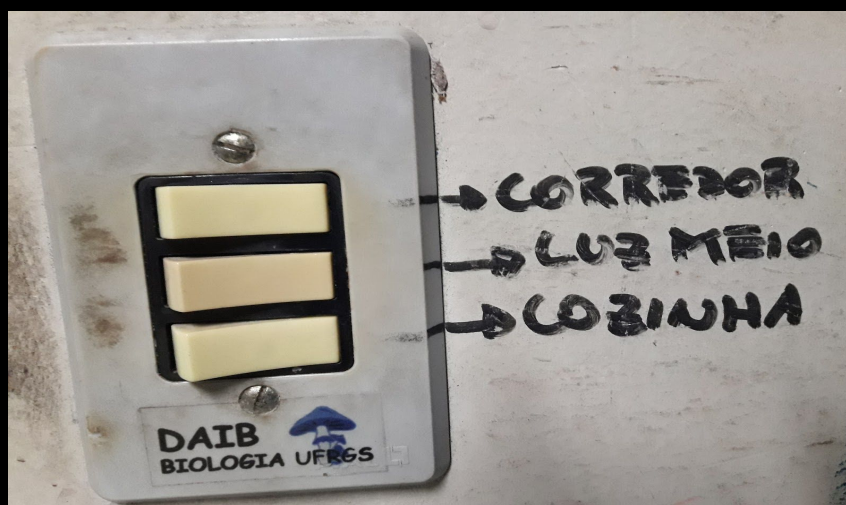
Nesse sentido, a autogestão vivida e nutrida no diretório acadêmico do Instituto de Biociências nasceu com o objetivo de ser uma alternativa ao grande jogo de eleições de chapas entre os diretórios acadêmicos da Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS). Os diretórios acadêmicos da UFRGS são, muitas vezes, usados como palanques de alguns partidos políticos de variadas correntes políticas. Muitos nomes importantes da política partidária brasileira tiveram sua base de militância nessa instituição. Os arquivos impressos no diretório possuem algumas pistas desse processo de transição, mas, não foi encontrado o registro das integridades de como esse movimento começou a acontecer e quais foram as suas específicas motivações. Porém, o que o processo histórico e as próprias paredes nos contam é que esse meio autogestionário sempre teve como tônica a multiplicidade do convívio de ideias e das múltiplas guinadas nas críticas sociais. A autogestão depende muito dos elementos constituintes de demandas, ou seja, das pessoas que estão se responsabilizando pela tomada de decisões e pelo exercício cotidiano de sustentação do diretório. A teia que compõe o diretório tem uma nova configuração a cada dia, a cada semestre, a cada ano e a cada contexto político. Nessa pintura feita por um artista colombiano que “morou” no diretório por alguns dias é retratada fielmente a realidade vivida nessa autogestão. Na pintura está escrito: “O DAIB é quem tá aqui agora!” É óbvio que, em um sistema não hierárquico, haverá mais espaço para as subjetividades de cada pessoa para compor narrativas da história do espaço.



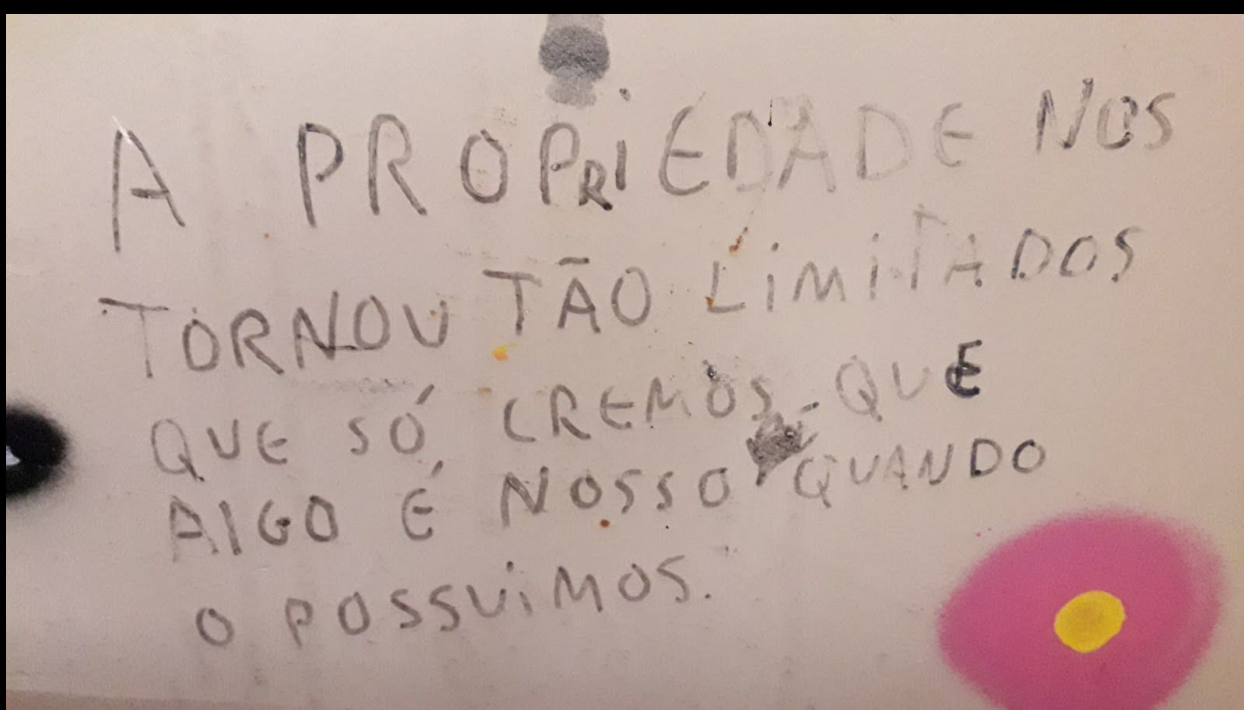
O principal elemento da autogestão no diretório é a assembleia ordinária que acontece nas quarta-feiras, o momento que a coletividade consegue se enxergar e participar do processo de tomada de decisões. A metodologia utilizada baseia-se no consenso, não há votações por maioria para se decidir sobre alguma demanda. Motta dizia que “a sociedade organicamente autônoma é constituída de um feixe de autonomias de grupos se auto-administrando, cuja vida exige coordenação, mas não hierarquização.” (1981, p. 133). Nesse sentido, a autogestão libera a sociedade real das ficções em que se acha submetida. A ficção da heterogestão nos reporta a narrativas que terceirizam a tomada de decisões que influenciam diretamente nas nossas vidas e nos transforma num passe de mágica em meros espectadores de nossa própria vida. Com essa marca a autogestão se coloca como estrutura fundamental para processos revolucionários.

Autogestão: é uma transformação radical, não somente econômica, mas política, levando-se em conta que ela destrói a noção comum de política (como gestão reservada a uma casta de políticos) para criar um outro sentido da palavra política: a saber, a manipulação sem intermediários e em todos os níveis, de todos os “seus negócios” por todos os homens (GUILLERM & BOURDET, 1976, p. 51).

Certamente, não há que se romantizar a tomada de decisões por consenso. Em geral, as pessoas que buscam o diretório e se encantam pela prática libertária de não haver “presidente” e uma estrutura organizacional hierarquizada dificilmente irão procurar um aporte teórico sobre autogestão. Dessa maneira, o acúmulo de práticas é repassado pela oralidade e pelo contato com a própria assembleia, sendo essa prática uma fonte de conflitos recorrentes nas organizações autogestionárias. Embora, muitas delas, tenham algum tipo de documento que sugere princípios comuns condizentes com seus ideais políticos. Muito importante para a circulação do poder nas organizações autogestionárias é a coletivização das informações: não pode haver caixas pretas onde só parte do coletivo pode ter acesso às informações inerentes ao processo de gestão de qualquer organização.

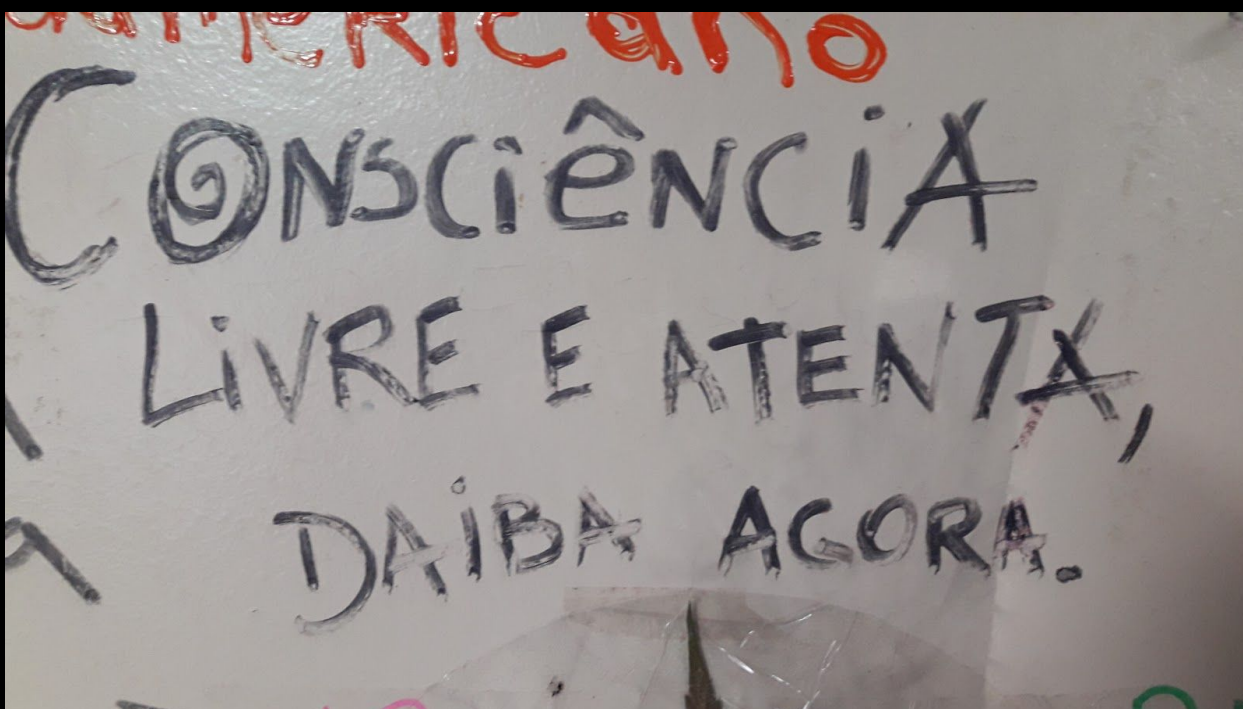
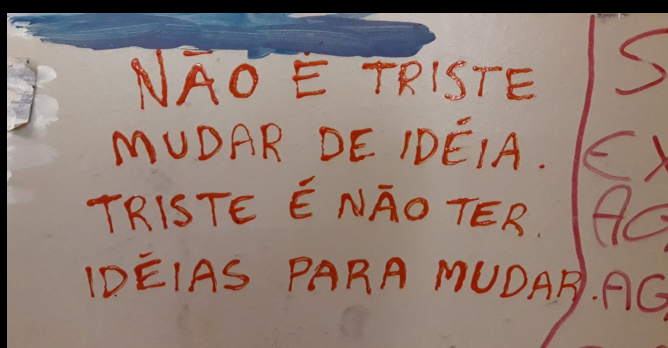


Outro receio que assombra as organizações autogestionárias que pode ser frequentemente vivido é o “assembleísmo”, ou seja, uma organização formal coletivizada. A assembleia pode vir a se tornar um espaço burocratizado e de opiniões pessoais que não necessariamente dialogam com os valores coletivos. Ocorre, assim, uma imprevisibilidade de expectativas comuns e, geralmente, incide em elementos desagregadores nas assembleias.



Nas assembleias, os sujeitos precisam estar atentos e abertos ao diálogo e à escuta empática. Com isso, a experiência vai se horizontalizando cada vez mais.

A comunicação, segundo Ackerley (1998), vai se tornando mais horizontal à medida que são dissolvidos os mecanismos de poder. Mas, para tanto, aqueles que não estão acostumados a falar, a dar sua opinião e, portanto, não sabem comunicar uma ideia, tanto quanto aqueles que não sabem escutar “um outro que é seu igual”, devem aprender com a prática e com a ajuda dos outros. A relação cara a cara induz a uma auto-organização no pensamento, que é incomparável a qualquer outra forma de comunicação e facilita também a auto-organização dos próprios assembleístas.



O cotidiano de funcionamento do diretório também é uma instância importante de tomada de decisões. Certamente, há demandas que não podem

esperar a reunião semanal e acabam sendo decididas entre as pessoas presentes no local, tentando, na maioria das vezes, optar pelo máximo consenso possível. Por exemplo, quando acaba o gás do botijão que alimenta o fogão da cozinha, é óbvio para as pessoas que ele precisa ser repostado. O processo de compra é espontâneo e, logo, o gás está instalado no fogão novamente. A autonomia e o envolvimento com a coletividade podem aumentar com a nutrição da liberdade na tomada de decisões básicas. As pessoas se sentem mais apropriadas dos processos quando elas participam das tomadas de decisões e não simplesmente obedecem ordens hierárquicas. A estratégia é fluir entre a responsabilidade coletiva e individual, colocando cada pessoa como agente que transita entre essas duas esferas:

As decisões não se circunscrevem somente às reuniões. Se fizéssemos assim, as reuniões poderiam converter-se facilmente em instâncias burocráticas niveladoras de iniciativas pessoais e grupais. Mais do que isso, se estimula que no possível, as decisões sejam tomadas no dia a dia, inclusive por qualquer participante ou grupo de participantes. O importante é tomá-las com base nos critérios coletivos que vamos construindo entre todos e que qualquer erro sirva para novas reflexões. (CECOSESOLA,2011, p. 115)

Em contraposição ao modelo de votação para a tomada de decisões autoritário de maioria, a autogestão nos leva ao exercício de compreender o outro constantemente e a lidar com as divergências de pensamento. Aliar-se a quem pensa parecido com a gente é fácil, difícil é ter empatia e conseguir dialogar com as diferenças de pensamentos, romper a bolha de realidades que criamos ao nosso entorno.

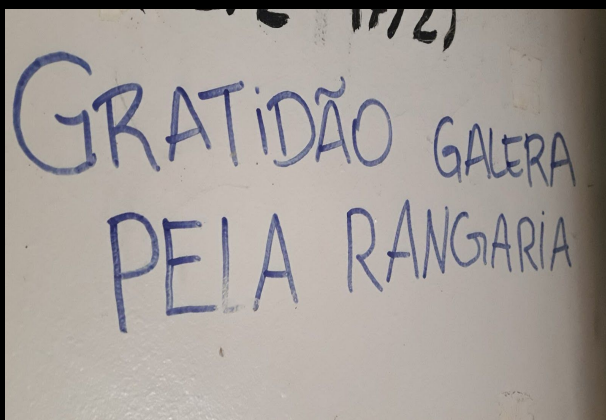
Surge outro elemento muito importante da autogestão é que o consenso não se constrói com a lógica em que todos estão de acordo com alguma decisão. O consenso não segue uma lógica numérica e sim afetiva.

A BÍO SALVOU A
 MINHA VIDA! AND
 THAT'S ~~WHAT~~ ^{WHAT} IS ALL
 ABOUT!

NÃO VAI NASCER
 PORQUE EU NÃO
 QUERO
 E BASTA EU
 NÃO QUERER!

LIMPA TEU ESPAÇO
 LIMPA TUA ALMA

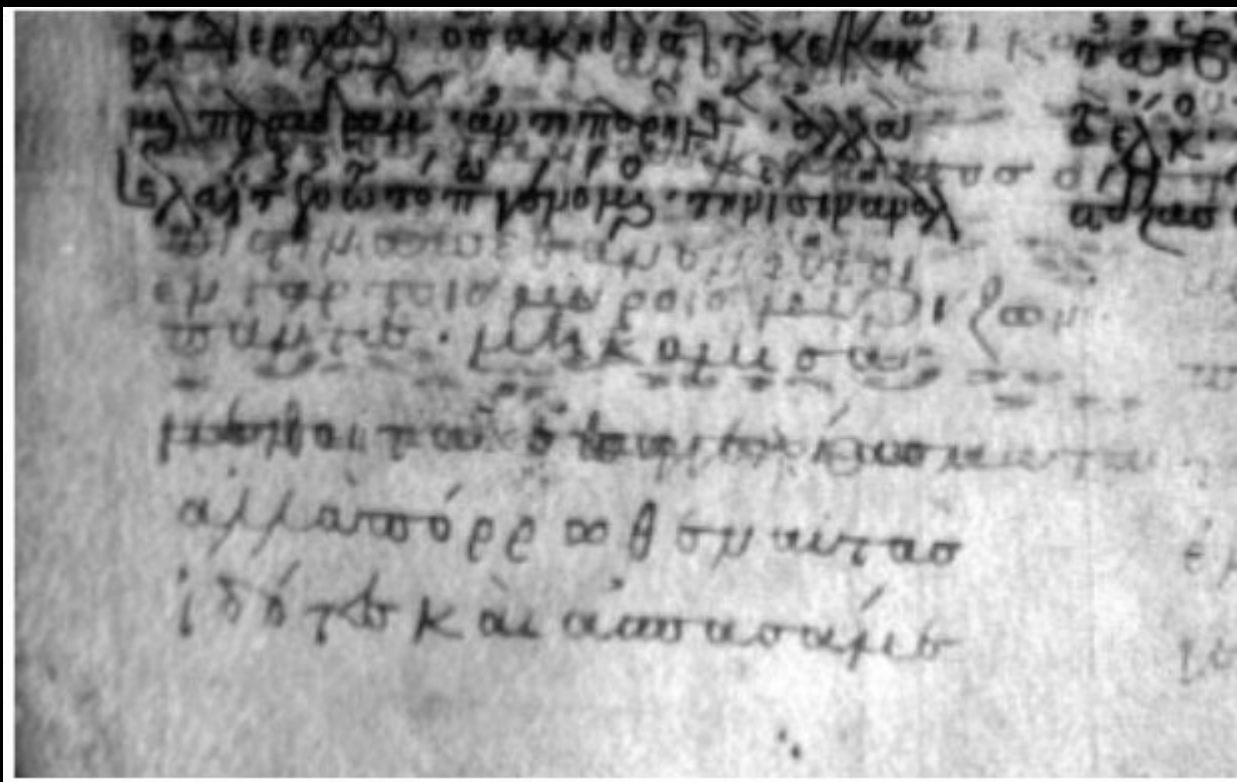
TO NUMA
 PINDAIB...
 tudo
 passa



4 PARA O NÓS DO FUTURO

4.1 APAGAR AS PAREDES É QUEIMAR A NOSSA HISTÓRIA

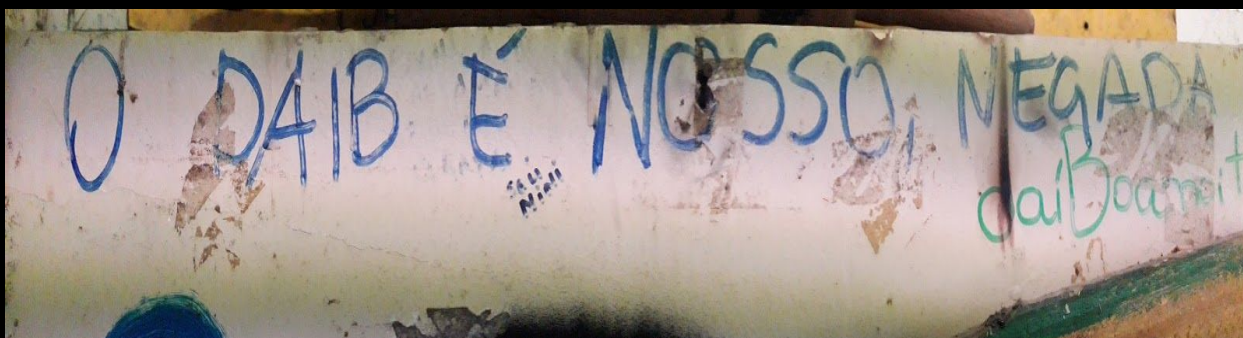
Um assunto que seguidamente circula ao passar dos anos no diretório é o de “pintar” as paredes de uma cor homogênea. Os argumentos são os mais variados. Geralmente, tem a ver com a noção de que as paredes estão poluídas e com muita informação, sem espaço para novas pinturas e escritos. Nesse momento, vamos explorar o conceito de palimpsestos.



(palimpsesto presente na biblioteca nacional de Madri-Espanha. <Disponível em <http://www.rebellion.org/docs/58566.pdf>. Acesso em: 10 nov. de 2019>

Palimpsesto é um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização. Tal prática foi adotada na Idade Média, sobretudo entre os séculos VII e XII, devido ao elevado custo do pergaminho. A eliminação do texto era feita através de lavagem ou, mais tarde, de raspagem com pedra-pomes. A escrita se sobrepõe e o texto antigo permanecia no papiro, ainda que cheio de rasuras e possivelmente incompreensível. As paredes do diretório possuem a mesma dimensão de sobreposição, é raro ter alguma frase que se encontre isolada e em destaque. Assim sendo, os tempos em que foram escritas acabam se misturando e nos possibilitando um diálogo com as paredes ao longo dos anos, a maioria das frases não têm assinatura de autoria ou de data. Muitos escritos conversam entre si e não temos como saber por quantos anos a conversa durou. O que a alguns olhares aparece como poluição do espaço, para mim apresenta a história do local impressa no grande livro aberto que são as paredes. Expostas como uma biblioteca sem prateleiras, as escrituras narram a história local. Quando se quer pintar as

paredes com cores homogêneas, involuntariamente se está queimando os livros que compõe essa biblioteca viva e nômade no tempo. Defendo aqui a composição de palimpsestos até quando a autogestão permitir.



4. 2 AUTODEFESA PARA A AUTO-ORGANIZAÇÃO

Existem poucos espaços onde podemos vivenciar a autogestão, essa escassez de possibilidades está atrelada ao fato de que a autogestão anarquista tende a ser uma bagunça. Muitas vezes, já ouvi o termo Anarquia ser usado como sinônimo de desordem e algazarra, um baita preconceito histórico criado por ideias de cunho liberal que deslegitimam alternativas críticas e emancipatórias. Não é à toa que diversos são os movimentos institucionais de impor eleições de chapas para a diretoria do diretório. A principal missão do diretório em tempos de ascensão de movimentos baseados no ódio e na imposição de ideias é continuar existindo no modelo de autogestão.

Não há caminho para a liberdade, mas através da liberdade. Em vez de apenas um funil que exclui a maioria de ter autonomia para atuar, nós precisamos de espaço para múltiplas narrativas. No lugar da coerção inerente do governo, nós precisamos de estruturas para tomada de decisões que promovam autonomia e por fim, práticas de autodefesa que possam nos proteger daqueles que no futuro queiram se tornar nossos líderes. (PARAMUDARTUDO, 2015, p. 33).

Trago os encorajantes versos interpretados por Gal Costa na música Divino Maravilhoso:

...“Atenção

Tudo é perigoso

Tudo é divino maravilhoso

Atenção para o refrão

É preciso estar atento e forte

Não temos tempo de temer a morte”...

5 PARA O NÓS DO PASSADO

Com a escrita atenta à horizontalização da informação surge um paradoxo pertinente ao autor. O diretório possui um armário metálico daqueles bem antigos usados para colocar pastas corrediças, ele é o único local físico em que documentos, zines e qualquer material impresso relacionado à história do diretório estão guardados. Anos atrás revirei esse arquivo pois na época estava compondo um zine para a coletividade e achei muito pouca história linear sobre as motivações de tornar o diretório autogerido, sobre como se deu essa transição e algum documento que falasse sobre as flutuações gerenciais ao longo desses quase trinta anos de autogestão. Por outro lado essa história tem memória viva quando se encontra pessoas que participaram ativamente de certos períodos no diretório. Alguns encontros com fogueira e contações de causos sobre a história do diretório sempre renderam muitas risadas e se caracterizaram por ser um momento importante de transmissão cultural entre as gerações participantes da autogestão.

Contudo, ainda sinto falta de registros físicos e da transparência dos percursos. Sabemos que por diversos motivos esses encontros geracionais sempre serão mais difíceis de acontecer do que acessar arquivos que estão presentes no diretório. Ambos têm a sua relevância na construção de narrativas da memória coletiva do espaço, quanto mais guardiãs e sementeiras de memórias, tanto melhor para a coletividade. A memória coletiva precisa ser compartilhada para ser coletivizada, informação disponível contribui para a apropriação das pessoas acerca das tomadas de decisões e fatos transcorridos. Acesso à informação não pode ser

privilégio de quem conhece as pessoas “antigas do rolê” ou de quem está a muito tempo participando ativamente do diretório.

Existe o constante assombro na coletividade de formalizar as práticas e, por consequência, incidir na burocracia. Aparentemente organizar mais o espaço, a logística financeira e homogeneizar as práticas está diretamente atrelado com uma organização mais “careta”. Há movimentos de tensão entre a perspectiva organizacional e a modalidade espontânea e “orgânica”. O conflito parece ocorrer pois quando apenas seguimos um protocolo de práticas nos descolamos das nossas motivações individuais, a chave para abrir o cadeado desse dilema está na compaixão, ela tem a potência de nos movimentar para mais longe da individualidade e nos conectar aos sonhos comuns compartilhados.

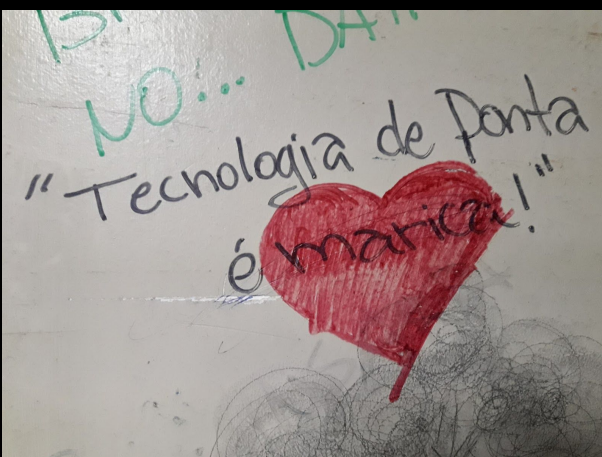
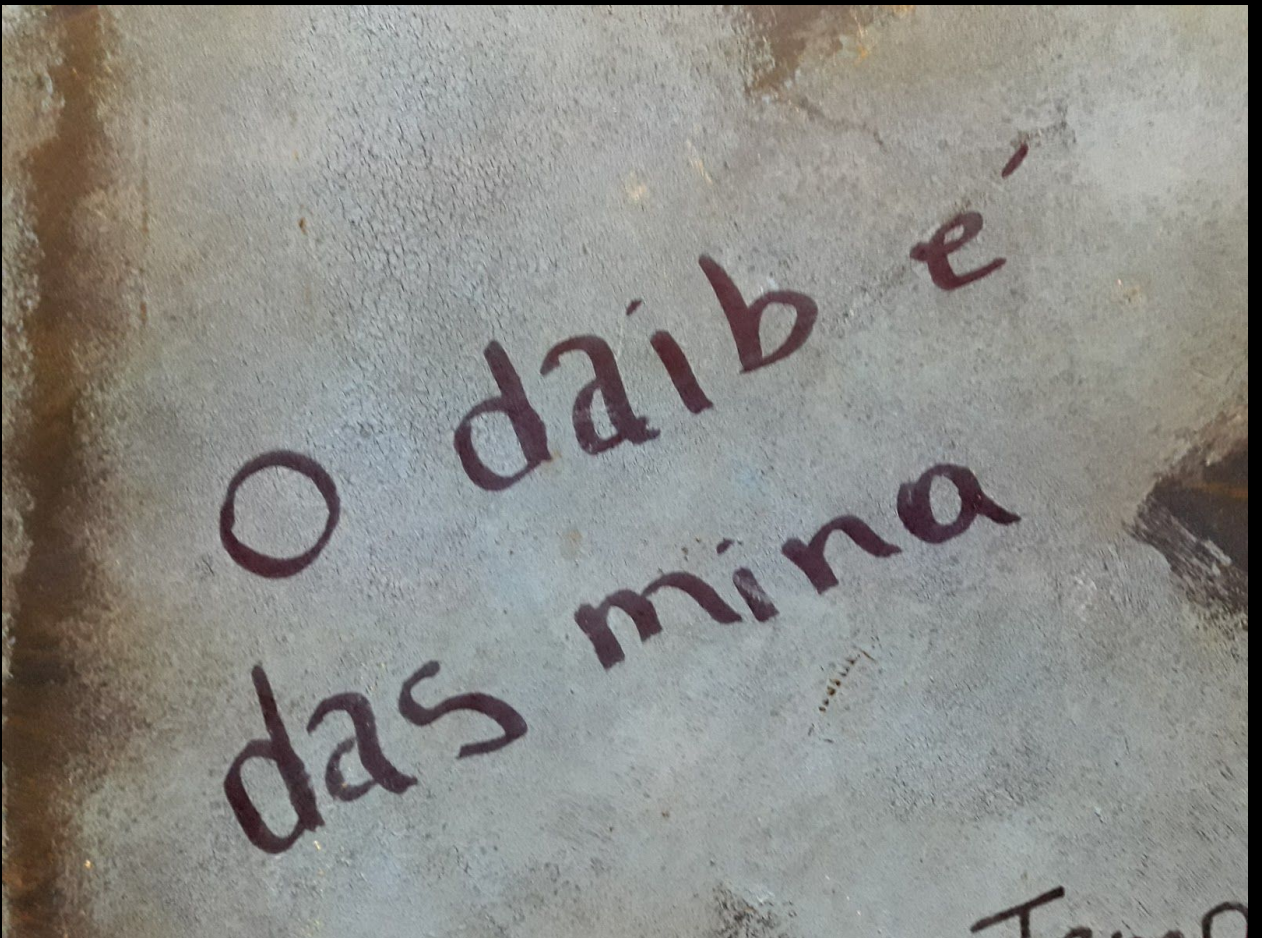
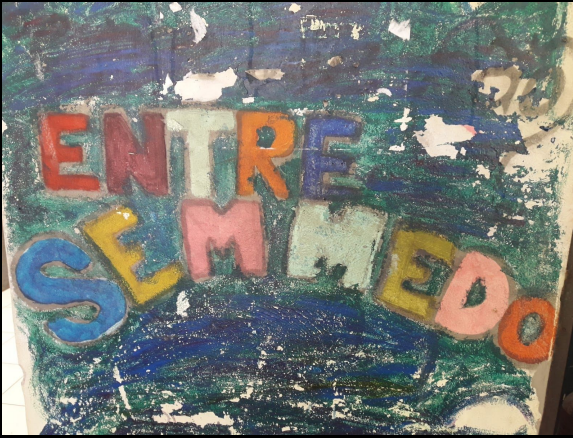
6 - CONSIDERAÇÕES PERENES

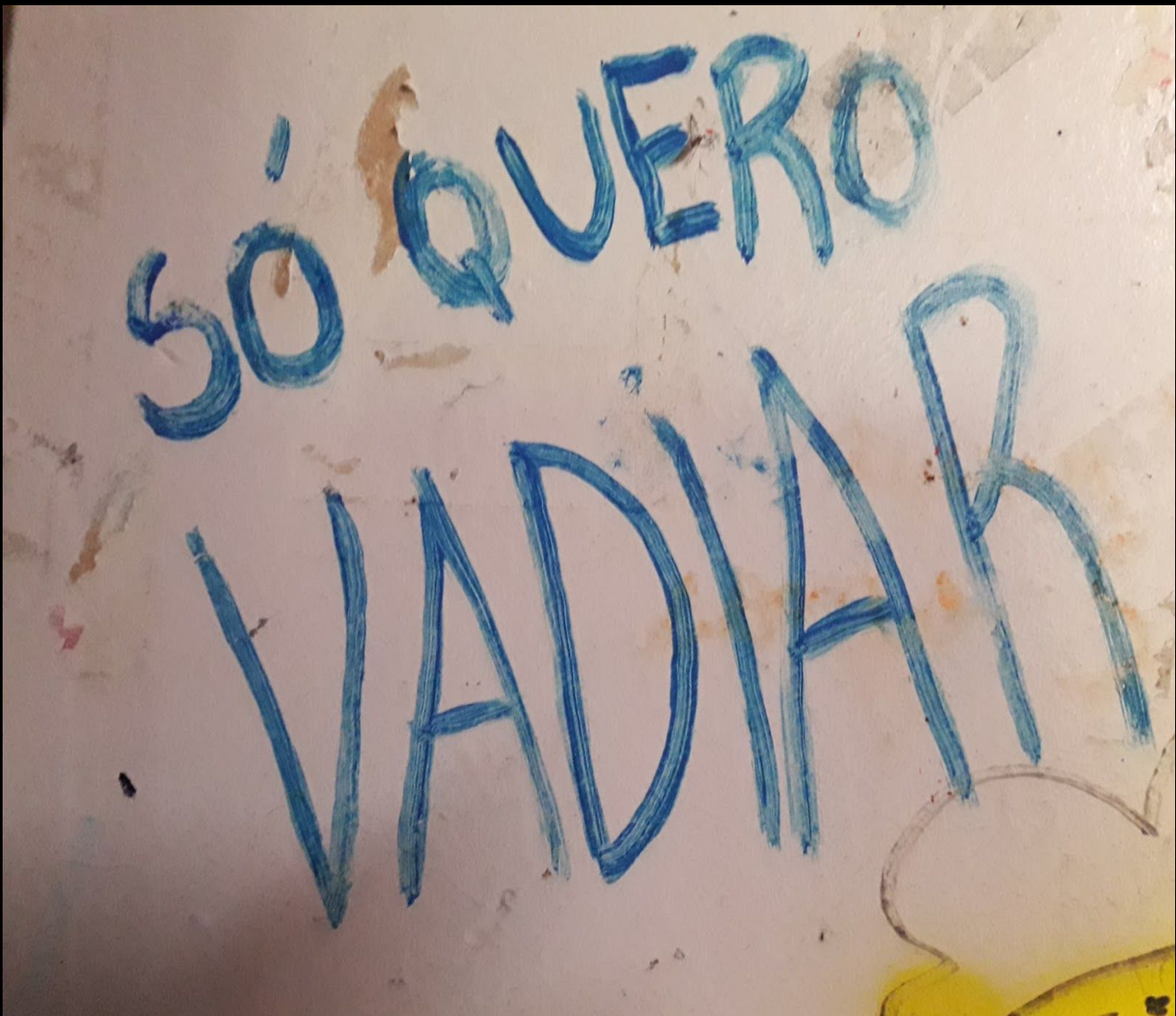
Nessa perspectiva, desejo que o Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências continue produzindo múltiplas narrativas e redesenhando subjetividades para o nós do futuro, e que esta pesquisa, de olhar pequeno e singelo, possa contribuir para novos olhares, para outras pesquisas e, sobretudo, para fomentar experiências que possam fazer da autogestão e da potência das coletividades antídotos a todo o tipo de violência institucional a que estamos no tempo presente submetidos.

Os escritos impressos nas paredes que nos sirvam de inspiração em momentos políticos delicados para a diversidade. A beleza das frases que nos sirvam de consolo diante da impermanência da vida. O arranjo todo o qual não escapa dos processos evolutivos que nos motive a entender que existe uma raiz forte que possibilitou o passado e o presente. Possamos respeitar esse espaço enquanto um laboratório vivo das relações entre política, ambiente e ciência. Possamos ser compassivos a ponto de perceber nas reuniões as inseguranças, as insurgências e as diferentes modalidades de entendimento nos diferentes momentos da autogestão. Que possamos, por fim, abalar as hierarquias sem, contudo,

desconsiderar a importância das experiências passadas que como células agrupadas formam um forte tecido. Amarra teu nó nessa rede.





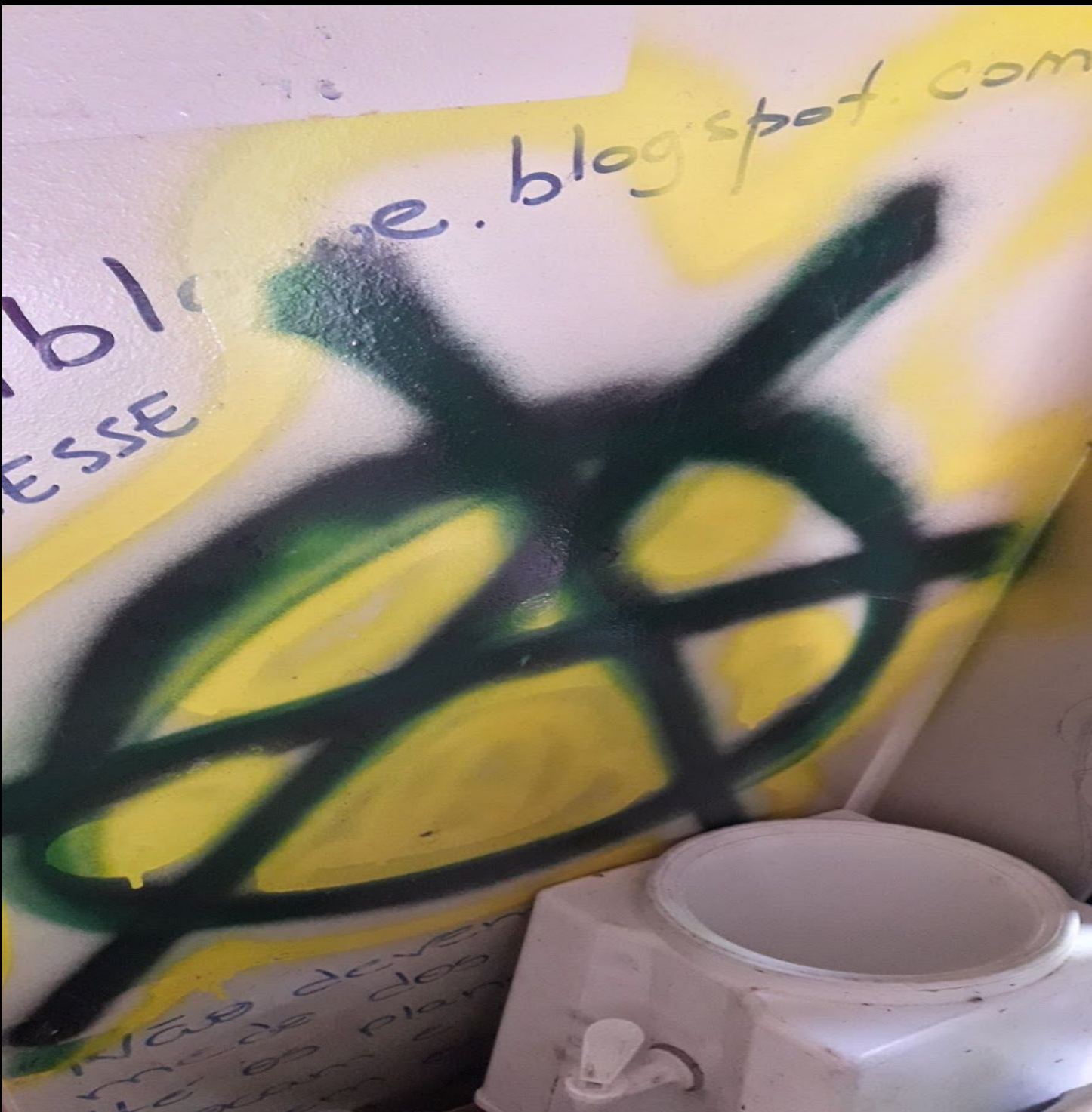


QVOD NATVRA NON D
DAIB · NON PRESTA
PPK LIVR



"TODO CORAÇÃO
É UMA CÉLULA
REVOLUCIONÁRIA"
(EDUKATORS)

LEIA
MARX



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ackerley, M. Isabel. Poder e novas tecnologias. Tesis maestría. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ.Brasil, 1998. Disponível em [ttp://www.rebellion.org/docs/58566.pdf](http://www.rebellion.org/docs/58566.pdf). Acesso em: 10 nov. de 2019.

ANGEL, E. Palimpsesto grecolatino como fenómeno librario y textual: presentación de Dieter Harlfinger. **Colección Actas**, Zaragoza, Publicación número 2.655, 2006.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux. Brasil (DE): Vitrine Filmes, 2019.

BARTHES, R. A. **Câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COSTA, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 65-76, maio/ago. 2014.

CARVALHO, N. V. **Autogestão**: o governo pela autonomia. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CECOSESOLA. **Buscando una convivencia armónica**. Barquisimeto: Escuela Cooperativa Rosario Arjona, 2011.

COSTA, G. **Divino maravilhoso**. Rio de Janeiro: Phillips, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7sbZkhdsFc>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CRIMETHINK. **Para mudar tudo**, 2015.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUILLERM, A; BOURDET, Y. **Autogestão**: uma mudança radical. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

KINUPP, V. F. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre**, RS. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 562 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KUNZLER, J. Por que Bacurau tem um museu? **Projeto Colabora**, Rio de Janeiro, out. 2019. Disponível em: <https://projetcolabora.com.br/ods4/por-que-bacurau-tem-um-museu>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MOTTA, F. **Burocracia e autogestão** (a proposta de Proudhon). São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

PASSOS,E; BARROS,R; **Pistas do método da cartografia**. Porto alegre: Editora Sulina, 2009.

PROUDHON, P.J. **O que é a propriedade?** Lisboa: Estampa, 1975.

RANNIERY,O; PARAÍSO,M; **mapas,dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. São Paulo: Revista Pro-posições, 2012.

SAMTEM, P. **O lama e o economista**. São Paulo: Rima editora, 2004.

SAMTEM, P. **Mandala do Lótus**. São Paulo: Peirópolis, 2006.

SAMTEM, P. **Conselhos budistas para tempos difíceis**. Centro de Estudos Budistas Bodisatva, Viamão: 2016. (Comunicação oral).